



UC/FPCE 2017

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O ambiente familiar, as crenças e representações  
sociais dos papéis de género como preditores de  
violência doméstica.**

Cláudia Costa Leite Rocha  
(e-mail: [claudiacr94@gmail.com](mailto:claudiacr94@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (área de  
subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas) sob a  
orientação do Professor Doutor Rui Alexandre Paquete Paixão

## **O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.**

**Resumo:** A violência doméstica e a sua etiologia enquanto campo de estudo continuam, ainda, a ser alvo e motivo de discussão e investigação.

A vitimologia contemporânea deve ser repensada tendo em consideração as transformações sociais que a estrutura familiar tem vindo a sofrer.

Neste sentido, o presente estudo tem como principal objetivo estudar as crenças e representações sociais dos papéis de género e o ambiente familiar na família de origem como preditores da violência entre íntimos.

Foram inquiridas um total de 119 mulheres. Dezanove destas mulheres (grupo clínico) eram vítimas de violência doméstica e recorreram a serviços de atendimento a vítimas ou estavam a residir, no momento, em casas-abrigo. As restantes 100 mulheres constituíam o grupo de controlo.

Os resultados das diferenças entre grupos revelaram existir diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões que avaliam as crenças e representações sociais dos papéis de género (sexismo ambivalente em relação aos homens (AMI) e mulheres (ASI), divisão igualitária e tradicional dos papéis de género (EAPG)) à exceção do fator sexismo hostil em relação às mulheres avaliado através do ASI (*Ambivalent Sexism Inventory*).

Também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em relação ao ambiente familiar na família de origem (QHF).

Em relação ao estudo de predição, à exceção do sexismo hostil em relação às mulheres e à divisão igualitária dos papéis de género, todas as variáveis se mostraram predictoras de violência doméstica, nomeadamente o ambiente familiar na família de origem, o sexismo benevolente em relação às mulheres, o sexismo hostil em relação aos homens, o sexismo benevolente em relação aos homens e a divisão tradicional dos papéis de género.

Este estudo é mais um que sustenta o carácter biopsicossocial da violência entre íntimos tendo por base teórica o Modelo Ecológico da Violência Doméstica e as Ideologias Feministas.

**Palavras-chave:** violência doméstica, vítimas, sexismo ambivalente, ambiente familiar, ideologias feministas;

## **The family environment in the family of origin and the beliefs and social representations of the gender roles as predictors of domestic violence.**

**Abstract:** Domestic violence and its etiology as a field of study still remains the target and cause for much discussion and investigation.

In fact, contemporary victimology must be rethought taking into account the social transformations that the family structure is suffering.

The main objective of this study was to study the beliefs and social representations of gender roles and the family environment in the family of origin as predictors of intimate partner violence.

A total of 119 women were surveyed. Nineteen of these women (clinical group) were victims of domestic violence and used victim assistance services or were currently residing in shelters. The remaining 100 women were the control group.

The results of the differences between groups revealed that there are statistically significant differences in all dimensions that assess the social beliefs and representations of gender roles (ambivalent sexism toward men (AMI) and women (ASI) and gender and traditional division of gender roles (EAPG)) with the exception of the factor hostile sexism toward women evaluated through the ASI (Ambivalent Sexism Inventory). There were also no statistically significant differences in relation to the family environment in the family of origin (QHF).

In the prediction study, with the exception of hostile sexism in relation to women and the equal division of gender roles, all of them proved to be predictors of domestic violence (family environment in the family of origin, benevolent sexism toward women, sexism hostile toward men, benevolent sexism towards men, and traditional division of gender roles).

This study is one more that demonstrates the biopsychosocial character of intimate violence based on the Ecological Model of Domestic Violence and Feminist Ideologies.

**Key Words:** domestic violence, victims, ambivalent sexism, family environment, feminist ideologies;

## Agradecimentos

Agradeço ao *Professor Doutor Rui Paixão* a orientação dada ao longo desta jornada. Por me fazer ver para além da sombra, pela confiança depositada, pela valorização contínua do trabalho desempenhado e por toda a sabedoria partilhada.

Às *instituições* que me apoiaram mas, em especial, a todas as *mulheres vítimas de violência doméstica* que comigo colaboraram. Por todas as aprendizagens retiradas, pelas conversas informais que me permitiram crescer pessoalmente. Pelo carinho com que me trataram e por partilharem comigo os momentos mais difíceis das suas vidas. Por toda a admiração que lhes tenho o meu maior agradecimento.

Ao meu *Pai* por me ensinar que “a sorte dá trabalho e procura-se”. Pelo orgulho que tem em mim e por me mostrar que o caminho será meu enquanto eu quiser.

Um agradecimento muito especial à minha *Mãe*, ao meu exemplo, ao meu maior modelo de coragem, persistência e de mulher. Que acredita mais em mim do que ninguém e que partilha, simultaneamente, a felicidade de terminarmos um curso mostrando-me que a idade é apenas um número. Por fazer de mim a mulher que sou hoje e por ser a chave da realização deste sonho.

À minha *Irmã* por todo o apoio e carinho. Pois o meu amor tem nome e é grande. Por ser o meu maior orgulho e me guiar incessantemente. Pelos momentos presentes, pelo despertar do meu novo Eu. Por ser o meu Yang. Obrigada Catatua.

À *Dulce* por ter sido o meu grande apoio neste ano peculiar. Por me ensinar que a amizade não tem de ser duradoura para ser verdadeira e que a pureza ainda existe. Por todas as horas de desabafos, cafés, jantares e discussões existenciais. Pela admiração, apoio e motivação diária. Obrigada Bé.

À *Maria* por ter sido a minha parceira de Erasmus e me mostrar que a diferença pode ser bela e que o mundo é criado por nós.

À *Ana Paula*, à *Marina* e ao *Bernardo* por serem os meus papás de Coimbra, por toda a ajuda ao longo desta temporada, por todo o carinho, apoio e hospitalidade. Pela amizade que eu quero que dure. Obrigada amigos por me fazerem sentir querida e perto ainda que longe.

Obrigada a todos os meus *restantes amigos e colegas*. Pelo apoio, por todas as lições e pelo carinho com que sempre me tratam.

Pela felicidade de mais uma etapa concluída com sucesso e na expectativa de um futuro risonho o meu maior e sincero obrigada.

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual .....	2
1.1.    Violência doméstica, violência conjugal e violência de género: explicitação de conceitos. ....	2
1.2.    Modelo Ecológico da Violência Doméstica .....	3
1.2.1. Transgeracionalidade da violência.....	5
1.2.2. Violência de género .....	7
1.2.2.1. Ideologias Feministas.....	7
1.3.    Ciclo da violência .....	8
1.3.1. Desamparo aprendido .....	9
1.3.2. Síndrome da mulher batida .....	10
II - Objetivos .....	10
III - Metodologia .....	11
3.1 Amostra .....	11
3.2 Instrumentos .....	13
3.2.1 Questionário Sociodemográfico .....	13
3.2.2 Escala de Táticas de Conflitos Revisada (CTS2).....	13
3.2.3 Inventário de Sexismo Ambivalente (ASI)....	14
3.2.4 Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (AMI).....	14
3.2.5 Escala de Atitudes perante os Papéis de Género (EAPG).....	15
3.2.6 Questionário do Ambiente Familiar (QHF)....	16
3.3    Procedimentos da investigação.....	16
3.4    Procedimentos Estatísticos .....	17
IV – Apresentação dos resultados .....	18
V - Discussão .....	24
Conclusões .....	30
Bibliografia .....	32
Anexos.....	39

## **Introdução**

A violência entre parceiros íntimos é uma das formas mais comuns de violência contra as mulheres e compreende uma série de comportamentos que causam danos físicos, psicológicos ou sexuais, pelo menos, num dos intervenientes no relacionamento (WHO, 2012).

Historicamente, a violência intrafamiliar era tida como menos relevante do que aquela que ocorre na esfera pública sendo apenas nos últimos 30 anos dada a devida importância a este fenómeno como um problema de cariz social importante (Merry, 2011).

A análise do papel fundamental da família na aprendizagem e repetição de comportamentos violentos e de vitimização é, ainda, alvo de discussão e investigação.

A teoria intergeracional da violência postula que a experiência de vitimização na infância favorece a sua perpetuação e que a exposição à violência favorece, igualmente, um modelo de desempenho para a vítima defendendo que quanto mais a mulher for maltratada pelos pais na infância mais provavelmente aceitará comportamentos violentos por parte do companheiro e o uso da violência no cumprimento das expectativas do seu papel (Matos, 2002).

Simultaneamente, os valores tradicionais de família e as expectativas geradas em torno dos papéis de género sustentam a violência como forma de resolução de conflitos e quanto mais rígidos os papéis de género maior a probabilidade de violência contra a mulher (Heise, 1998). Os papéis de género desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da origem de abuso ou negligência materna (McCloskey, 2017).

Estas variantes socioculturais inerentes aos papéis de género revelam, grande parte das vezes, discursos de dominância do género masculino em detrimento do feminino sendo mais comum em sociedades patriarcais como é o caso dos países com culturas fortemente tradicionais (Chaves & Sani, 2014).

Ao longo dos últimos 100 anos várias perspetivas foram

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacr94@gmail.com) 2016-2017

propostas no sentido de explicar este fenómeno que se tem considerado biopsicossocial (Ali & Naylor, 2013).

O enquadramento conceptual que se segue abordará o modelo ecológico como modelo explicativo da violência contra a mulher.

Desta forma, o objetivo principal deste estudo é compreender de que forma o ambiente familiar na família de origem e as crenças sobre os papéis de género são, de facto, preditores da violência entre íntimos.

Para tal, foi utilizada uma bateria de instrumentos composta por 5 escalas de autorresposta e um questionário sociodemográfico construído, especificamente, para esta investigação.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1. Violência doméstica, violência conjugal e violência de género: explicitação de conceitos.**

A violência entre íntimos está muitas vezes associada à violência doméstica ou violência de género. De facto, esta associação faz sentido pois estão interligados embora abranjam situações diferentes.

Violência Doméstica é definida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima como “qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo directo ou indirecto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adopção ou afinidade” (APAV, 2010, p.11).

Já a violência conjugal pode ser entendida como uma variante da violência doméstica, tendo sido definida pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2012) como uma das formas mais comuns de violência contra a mulher e inclui o abuso físico, sexual e emocional, assim como comportamentos de controlo pelo parceiro íntimo.

Para Walker (2009) a violência entre íntimos é um comportamento aprendido usado sobretudo pelos homens para obter e manter poder e controlo sobre as mulheres.

Neste sentido, podemos considerar a violência de género como uma variante da violência entre íntimos isto porque a violência de género é definida por Merry (2011) como a violência cujo significado depende das identidades de género dos parceiros envolvidos e que inclui o insulto, humilhação, ameaças, assédio e perseguição, ou seja, qualquer tipo de comportamento dirigido pelo estereótipo de género e que promova os maus-tratos físicos e psicológicos. Para Walker (2009) os homens continuam a usar o abuso físico, sexual e psicológico como forma de manter o controlo sobre as mulheres e crianças apenas porque desta forma conseguem atingir os seus objetivos sem consequências consideráveis.

A violência de género é um fenómeno mundial e tem sido, atualmente, fonte de nova discussão. Ainda assim, assume diferentes formas em diferentes contextos (Merry, 2011).

## **1.2. Modelo Ecológico da Violência Doméstica**

O Modelo Ecológico de Bronfenbrenner foi inicialmente aplicado ao estudo da etiologia do maltrato infantil (Belsky, 1980) e, posteriormente, adaptado ao fenómeno da violência entre íntimos por Heise (1998).

Este modelo tem sido largamente estudado uma vez que conceptualiza a violência como um fenómeno multifacetado e integrado num jogo entre fatores pessoais, situacionais e socioculturais (Heise, 1998) que podem ser considerados como fatores de risco.

Fatores de risco, segundo Magalhães (2002) são “quaisquer influências que aumentam a probabilidade de ocorrência ou manutenção de tais situações. São marcadores, correlações e, algumas vezes, causas que se dividem por características individuais,



experiências de vida específicas ou factores de ordem contextual” (p. 45).

Este Modelo subdivide-se em quatro níveis sendo que analisam as variáveis que causam ou mantêm a violência doméstica a um nível individual, familiar/situacional, socioestrutural/comunidade e sociocultural.

O primeiro nível, segundo Heise (1998), tem que ver com as características do sujeito, elaboradas ao longo da sua vida, e que influenciam o seu comportamento na relação. Este nível, que Heise (1998) definiu como nível individual, inclui fatores biológicos e pessoais como a idade, género, educação, rendimentos, problemas psicológicos, distúrbios de personalidade, tendências agressivas e abuso de substâncias (Ali & Naylor, 2013). É de salientar que fatores como ter sido exposto a violência interparental enquanto criança, ser abusado enquanto criança e ter um pai ausente inserem-se, igualmente, neste nível de análise (Heise, 1998).

O segundo nível, o microsistema, analisa o papel da organização e estruturação familiar e as interações familiares na manutenção desta problemática (Carlston, 1984).

A dominância masculina na família, o controlo económico por parte da figura masculina, os conflitos maritais e o uso do álcool são incluídos neste nível (Heise, 1998). Procura avaliar o contributo que as relações familiares, entre amigos ou de trabalho, têm no risco de perpetuação ou aceitação da violência (Ali & Naylor, 2013; Hayes & Boyd, 2016).

O terceiro nível, exossistema, refere-se à influência das estruturas sociais, formais ou não formais, e ao espaço social do qual a pessoa pertence (Heise, 1998) e que engloba as realidades económicas e a qualidade da distribuição dos serviços na sociedade (Carlston, 1984). O nível socioeconómico da família, o isolamento da mulher e da família e comportamentos delinquentes (Heise, 1998), assim como as características da comunidade e as práticas judiciais (Carlston, 1984),

são aspetos que, inevitavelmente, influenciam a dinâmica familiar. No essencial, analisa os fatores que podem aumentar o risco de um indivíduo cometer ou manter comportamentos violentos (Ali & Naylor, 2013).

Por fim, o quarto nível, o macrossistema, refere-se aos valores e normas culturais que permeiam os outros três níveis do Modelo (Heise, 1998).

Carlston (1984) define este nível como o nível sociocultural e sustenta que este é o nível que distingue sociedades. Segundo o mesmo autor (Carlston, 1984), o sexismo, a construção estereotipada dos papéis de género, a aceitação geral da violência e as normas sobre a família tradicional são fatores que determinam e influenciam, em larga medida, a manutenção da violência, nomeadamente, de género. Já Heise (1998) considera que a noção de masculinidade, a rigidez dos papéis de género, o sentimento de posse sobre a mulher, a aprovação do castigo físico sobre a mulher e crianças são fatores a serem considerados.

É um modelo que procura explicar a relação entre fatores individuais, situacionais e culturais o que lhe confere particular importância enquanto modelo explicativo da violência (Chaves & Sani, 2014).

### **1.2.1. Transgeracionalidade da violência**

Como já constatado, a família assume um papel fundamental na compreensão de uma problemática milenar como a violência doméstica/ de género/ entre íntimos.

Estudos longitudinais têm demonstrado que, de facto, a violência está fortemente concentrada nas famílias sendo transmitida entre gerações (Weijer, Bijleveld, & Blokland, 2014).

Neste sentido, a análise do papel da família de origem já foi, e continua a ser, tema de investigação pela sua complexidade e controvérsia (Franklin, 2010).

Com as suas raízes na teoria de aprendizagem social de Bandura

(1969, 1973), a transgeracionalidade da violência sugere que os comportamentos de violência experienciados em criança constituem um molde daquilo que poderão vir a ser, enquanto adulto, os seus estilos de resolução de conflitos. As gerações mais novas tendem a imitar e a aprender os comportamentos violentos das gerações mais velhas (Weijer et al., 2014).

No mesmo sentido, Murray Bowen (1988) elabora a teoria multigeracional. Para este, o processo de transmissão multigeracional postula a passagem do processo de projeção familiar de geração para geração e aplica-se à transmissão dos níveis de diferenciação (Sampaio & Gameiro, 2002). Segundo o mesmo autor, este conceito é essencial na compreensão de uma problemática familiar na medida em que as raízes estarão nas gerações anteriores (Sampaio & Gameiro, 2002).

Segundo Gelles e Straus (1979), à exceção da polícia e dos militares, a família é um dos grupos sociais mais predispostos à violência na nossa sociedade. Segundo os mesmos autores, é muito mais provável que alguém seja ferido ou até morto na sua casa por algum familiar, do que noutra sítio por outra pessoa que não familiar (Gelles & Straus, 1979). De facto, são muitos os estudos que evidenciam que crianças que tenham experienciado ou assistido a violência na infância irão assimilar este como um meio de resolução de conflitos interpessoais e, desta forma, o seu comportamento em adulto tenderá a ser o mesmo (Franklin, 2010; Franklin & Kercher, 2012).

Os resultados das investigações de Walker (2009) sugerem que 68% das mulheres que reportaram ser vítimas de violência por parte do companheiro, foram expostas a violência interparental. Magalhães (2002) chegou a resultados semelhantes confirmando que o facto de os pais terem sofrido este tipo de maus-tratos infantis é considerado um fator de risco na perpetuação da violência.

Para Walker (1979), o sentimento de falta de controlo e de desamparo desenvolvido durante a infância torna os indivíduos, especialmente as mulheres, mais vulneráveis à violência física e sexual

enquanto adultos.

Neste sentido, e segundo um estudo longitudinal (Ehrensaft et al., 2003) de 20 anos, assume-se que a exposição à violência entre pais e o castigo são potentes preditores da perpetração da violência. Segundo os mesmos autores, o castigo pode servir de modelo de expressão da raiva. Esta aceitação de normas coercivas e baseadas no poder são interpretadas como formas de regulação de conflitos tendo implicações futuras nos jovens adultos como formas de resolução de conflitos entre pares (Ehrensaft et al., 2003).

No essencial, a teoria da transgeracionalidade da agressão pressupõe uma associação estatística entre a presença da agressão na família de origem e algumas formas de relações agressivas na família atual (Cappell & Heiner, 1990).

## **1.2.2. Violência de género**

### **1.2.2.1. Ideologias Feministas**

Desde o início de 1970 a perspectiva feminista tem sido um dos modelos predominantes na compreensão da violência doméstica estando subjacente a muitos programas de intervenção e agendas legislativas (McPhail, Busch, Kulkarni, & Rice, 2014).

As ideologias feministas enfatizam as tradições culturais e patriarcais assim como as construções sociais contemporâneas do que é masculinidade e feminilidade e os constrangimentos sociais que tornam difícil o abandono do relacionamento abusivo por parte das mulheres vítimas de violência (Johnson, 1995).

A violência contra as mulheres no lar é moldada pelos padrões do casamento, pelas concepções de autoridade masculina e submissão feminina e pela vulnerabilidade da família ao racismo, à pobreza ou à marginalização (Merry, 2011). Fatores como o nível socioeconómico, a participação nas decisões do agregado familiar, a capacidade de acesso aos meios de educação e as expectativas quanto aos papéis de género estão fortemente enraizados na educação (Wang, 2016).

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacr94@gmail.com) 2016-2017

Os psicólogos feministas estavam conscientes das pressões do patriarcado, do sexismo e do chauvinismo masculino na terapia e no aconselhamento (Draganovic, 2011).

Por patriarcado entende-se todo o sistema da sociedade ou governo no qual os homens detêm grande parte do poder (Walsh, Spangaro, & Soldatic, 2015).

Pode, também, ser definido como um sistema de valores e crenças que justifica a dominância masculina e rejeita estruturas igualitárias tanto nas esferas públicas como privadas (Ali & Naylor, 2013).

Neste sentido, os investigadores feministas utilizam comumente o termo terrorismo patriarcal para se referir ao produto das tradições patriarcais que postulam que o homem tem o direito de controlar a mulher através, essencialmente, da subordinação económica, das ameaças, do isolamento e não tanto através da violência física (Johnson, 1995). Para o mesmo autor, a violência contra a mulher resulta de uma desigualdade a nível societal: quanto maior esta desigualdade entre género, maior a probabilidade de o homem ser violento com a mulher (Bograd, 1988).

### **1.3. Ciclo da violência**

Em 1979, Walker elabora a Teoria do Ciclo da Violência (Ali & Naylor, 2013). Propõe que esta é uma teoria de tensão-redução e postula que existem 3 fases distintas associadas a um ciclo recorrente de agressão: acumulação da tensão associada a uma crescente sensação de perigo, a da ocorrência da agressão propriamente dita e, por fim, a chamada fase da lua-de-mel que é a fase da reconciliação.

Na primeira fase, há uma escalada gradual de tensão caracterizada por atos discretos como insultos ou abuso físico (Walker, 2009). Nesta fase, a mulher procura estabilizar a situação considerando que se fizer o que é expectável enquanto esposa a insatisfação do marido diminuirá. Procura não responder aos comportamentos hostis do companheiro e utiliza técnicas de redução da raiva (Walker). Este período poderá durar

segundos ou dias (Ali & Naylor, 2013).

A segunda fase é chamada a fase da explosão propriamente dita. A tensão continua a aumentar, a mulher torna-se mais receosa e sente-se incapaz de controlar a resposta agressiva do parceiro (Walker, 2009). É a fase de descarga de tensão elaborada na fase 1 (Walker, 1979).

No término da agressão surge, no agressor, uma sensação de alívio de tensão o que, por si só, já é um reforço do comportamento (Walker, 2009). Esta sensação de calma provoca no agressor sentimentos de alguma culpa em relação às suas atitudes pelo que poderá começar a se desculpar (Ali & Naylor, 2013; Walker, 1979, 2009). Nesta fase o agressor faz promessas de mudança, oferece presentes e demonstra remorso (Walker, 2009). Toda esta situação reforça na vítima a vontade de manter a relação, na medida em que existe esperança de que estas promessas de mudança sejam verdadeiras (Walker). Quando esta fase deixa de existir ou se torna muito pequena, o risco de perigo é eminente (Walker).

A exposição constante a este ciclo resulta no desenvolvimento de sentimentos de desamparo e medo. A vítima começa a culpar-se pelos episódios violentos e procura identificar e diminuir todas as situações que, de alguma forma, provoquem o agressor (Ali & Naylor, 2013).

### **1.3.1. Desamparo aprendido**

Nos anos 60, Seligman através de um conjunto de experimentos descreve um fenómeno posteriormente associado ao ciclo de violência de Walker, o de desamparo aprendido (Ali & Naylor, 2013).

A teoria do desamparo aprendido sugere que as vítimas deixam de crer na possibilidade de fugir do agressor e, conseqüentemente, desenvolvem sofisticadas estratégias defensivas (Walker, 2009). A exposição repetida a tais situações resulta no desenvolvimento de percepções e crenças negativas acerca da capacidade de lidar com tais circunstâncias (Ali & Naylor, 2013).

Walker (1979) aplicou esta teoria para estudar o comportamento

da vítima e concluiu que o abuso contínuo e repetido minimiza a motivação desta para responder e reforça a passividade (Walker, 1979). Segundo a mesma autora, a violência entre íntimos afeta a capacidade cognitiva de uma mulher esperar obter sucesso na sua resposta e reforça a crença de que tal resposta não pode originar um resultado positivo e, por consequência, nem tentará terminar a relação (Walker).

### **1.3.2. Síndrome da mulher batida**

A condição de síndrome da mulher batida foi sugerida por Walker em 1979 para explicar o comportamento de retaliação de uma mulher vítima de violência.

A mesma autora considerou este conceito como um subtipo de Stress Pós-Traumático e considerou que uma mulher poderá ser maltratada se tiver experienciado, pelo menos, dois ciclos de violência (Ali & Naylor, 2013). Este conceito tem sido bastante utilizado em diversos contextos profissionais nomeadamente em contexto judicial para defender as mulheres que mataram os agressores de quem eram vítimas há muitos anos não justificando, no entanto, tal comportamento (Ali & Naylor). Justifica apenas o possível estado psicológico resultante de um trauma por violência doméstica (Ali & Naylor).

## **II - Objetivos**

O objetivo principal deste trabalho consiste no estudo das diferenças entre vítimas de violência doméstica e mulheres da população geral no que concerne às crenças e representações sociais dos papéis de género e do ambiente familiar na família de origem.

Não obstante, pretende-se igualmente, e através do estudo de predição, clarificar o papel e impacto das variáveis acima mencionadas na predisposição à vitimização.

### III - Metodologia

#### 3.1 Amostra

A amostra deste estudo é composta por 119 sujeitos divididos em dois grupos: um a que designaremos de “clínico” e outro de “controlo”.

A amostra foi recolhida de duas formas distintas. Para a recolha do grupo de controlo, a bateria de instrumentos foi colocada *online* numa rede social. Foram obtidas 100 respostas. Todas as respostas *online* foram, também elas, sujeitas ao consentimento informado.

Já o grupo clínico, composto por 19 mulheres vítimas de violência conjugal, foi recolhido no Gabinete de Braga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, na Casa Abrigo de Penafiel e na Casa Abrigo do Gabinete de Apoio à Família de Viana do Castelo.

A recolha de dados teve início em 2016 e terminou em 2017. Foram incluídas no estudo todas as vítimas de violência conjugal que concordaram e assinaram o termo de consentimento informado tendo sido, previamente, explicado no que consistia a investigação assim como assegurada a privacidade destas.

Todas as vítimas tiveram de obedecer aos seguintes critérios de inclusão: serem do sexo feminino, terem idade igual ou superior a 22 anos e inferior a 70 anos, recurso a serviços de apoio a mulheres vítimas de violência doméstica e ler e escrever em português fluentemente. A amostra de controlo tinha de cumprir todos os requisitos à exceção do critério de exposição a Violência Conjugal.



**Tabela 1:***Características sociodemográficas da amostra*

	<b>Controlo</b>	<b>Clínica</b>
	<i>(N=100)</i>	<i>(N=19)</i>
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>
Idade	25.82 (6.603)	39.53 (13.251)
Anos de escolaridade do respondente	15.19 (2.173)	9.05 (4.129)
Anos de escolaridade do companheiro	13.91 (2.644)	7.53 (4.338)
Crianças no agregado familiar	0.35 (0.702)	1.53 (1.389)
	<i>n(%)</i>	<i>n(%)</i>
<b>Estado Civil</b>		
Solteira/em relacionamento	76 (76%)	4 (21.1%)
Casado	13 (13%)	5 (26.3%)
União de facto	11(11%)	5 (26.3%)
Outro	0 (0%)	5 (26.3%)
<b>Situação Laboral do respondente</b>		
Estudante	55 (55%)	3 (15.8)
Trabalhador Estudante	10 (10%)	-
Empregado	29 (29%)	7 (36.8%)
Desempregado	6 (6%)	6 (31.6%)
Reformado/Pensionista	-	3(15.8%)
<b>Situação laboral do companheiro</b>		
Estudante	34 (34%)	-
Trabalhador Estudante	6 (6%)	1 (5,3%)
Empregado	56 (56%)	14 (73,7)
Desempregado	4 (4%)	2 (10,5%)
Reformado/pensionista	-	2 (10,5%)
<b>Rendimentos mensais</b>		
Até 750€	22 (22%)	16 (84,2%)
Entre 750€ a 1200€	39 (39%)	2 (10,5%)
Mais de 1200€	39 (39%)	1 (5,3%)

O estudo das diferenças estatísticas entre grupos relativamente às variáveis sociodemográficas será apresentado na secção resultados.

Os rendimentos mensais, embora também eles representem uma diferença estatisticamente significativa, não serão reportados pois os rendimentos avaliados são do agregado familiar. Tendo em conta que as mulheres do grupo clínico estão, na sua maioria, em processo de separação, os rendimentos mensais assinalados por estas foram apenas os seus. Neste sentido, compreende-se a diferença significativa entre grupos.

## **3.2 Instrumentos**

### **3.2.1 Questionário Sociodemográfico**

A primeira parte do questionário do Inquérito Sociodemográfico corresponde à contextualização social e demográfica do respondente. O questionário procurou, no essencial, recolher informações sobre o agregado familiar do respondente e informações sobre o ambiente familiar da família de origem. Era importante determinar o nível socioeconómico do respondente, as habilitações literárias e situação laboral do respondente, do companheiro e da família de origem assim como a composição do agregado familiar e a existência, ou não, de perturbações psiquiátricas uma vez que são considerados fatores preditivos da violência conjugal. Por fim, quisemos saber quais as participantes, atualmente, seguidas em psicoterapia e há quanto tempo.

### **3.2.2 Escala de Táticas de Conflitos Revisada (CTS2)**

As Escalas de Táticas de Conflito de Murray Straus foram adaptadas por Alexandra e Figueiredo (2006) para a população portuguesa. São escalas que procuram avaliar a forma como os casais resolvem os conflitos através de estratégias de negociação ou abuso. Avaliam a agressão psicológica, o abuso físico sem sequelas, o abuso físico com sequelas e a coerção sexual.

Estas escalas são compostas por 39 itens agrupados em pares e que se destinam a avaliar o comportamento do respondente e do parceiro (segundo o ponto de vista do respondente) compondo um total de 79 questões. Contabilizam a prevalência e a cronicidade das ocorrências ao longo do último ano com 6 categorias de resposta e as outras categorias avaliam a prevalência global ou a inexistência deste tipo de abuso perfazendo um total de 8 categorias (Alexandra & Figueiredo, 2006).

A adaptação portuguesa apresenta um valor do alfa de Cronbach para a escala total de perpetração de .79 e para a escala total de vitimização de .80 (Alexandra & Figueiredo, 2006).

### 3.2.3 Inventário de Sexismo Ambivalente (ASI)

O Inventário de Sexismo Ambivalente foi criado por Glick e Fiske em 1996 e adaptado para a população portuguesa por Costa et al. em 2015. Objetiva avaliar as atitudes negativas em relação à mulher, “em relação ao poder (paternalismo protetor e dominante), diferenciação de género (complementaridade e competitividade) e heterossexualidade íntima (intimidade heterossexual e hostilidade sexual), permitindo assim determinar o tipo de sexismo hostil ou benevolente “ (Costa, Oliveira, Pereira, & Leal, 2015, p. 127).

É composto por 22 afirmações. Destas, 11 afirmações referem-se a uma forma hostil de sexismo (por exemplo, “As mulheres procuram obter poder através de controlo sobre os homens”) e as restantes 11 afirmações referem-se a uma forma benevolente de sexismo (por exemplo, “As mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens”).

A estrutura multidimensional deste Inventário permite avaliar não apenas os aspetos mais hostis de sexismo como também os aspetos mais subtis e que se justificam em crenças aparentemente igualitárias (Costa et al., 2015); (Glick & Fiske, 2001).

Ao contrário da escala original que era do tipo *Likert* de 6 pontos, a escala adaptada para Portugal é do tipo *Likert* de 5 pontos em que o 1 corresponde ao “discordo totalmente” e o 5 ao “concordo totalmente”. Psicometricamente, os estudos de validação da adaptação da escala para a população portuguesa revela uma boa fiabilidade interna, entre .88 e .93.

### 3.2.4 Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (AMI)

O Inventário de Ambivalência em relação aos Homens também da autoria de Glick e Fiske e adaptado por Costa et al. (2015) visa medir construtos semelhantes de sexismo (benevolente e hostil) dirigidos aos homens, isto porque os autores verificaram existir um fenómeno semelhante entre as mulheres caracterizado por atitudes negativas em

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacr94@gmail.com) 2016-2017

relação aos homens.

É um inventário composto por 20 itens. Dez dos 20 itens avaliam o sexismo benevolente (por exemplo, “ Os Homens estão mais dispostos a correr riscos do que as mulheres) e que se subdivide em 3 subfatores (Maternalismo, Diferenciação de Género complementar e Intimidade Heterossexual). Os restantes 10 itens referem-se a uma forma hostil de sexismo (por exemplo, “Os Homens irão sempre lutar para ter um maior controlo na sociedade do que as mulheres”) que se subdivide em Ressentimento do Paternalismo e Hostilidade Heterossexual.

A escala é do tipo *Likert* de 5 pontos o que permite que os respondentes escolham um ponto intermédio

Relativamente às qualidades psicométricas, a versão original apresentou valores entre .83 e .87 e a adaptação portuguesa revelou índices superiores que variam entre os .94 e .91 (Costa et al., 2015).

### **3.2.5 Escala de Atitudes perante os Papéis de Género (EAPG)**

A escala original intitula-se *Pacific Attitudes towards Gender Scale*, é da autoria de Vaillancourt e Leaper e data de 1997. É constituída por 28 itens. A adaptação portuguesa foi feita por Andrade em 2006. As análises fatoriais exploratórias e confirmatórias identificaram uma estrutura de 20 itens que se divide por dois fatores. Os itens que constituem o fator 1 “traduzem uma atitude de valorização da divisão tradicional (assimétrica) dos papéis de género, enquanto os itens do fator 2 traduzem uma atitude de valorização da divisão igualitária dos papéis de género.” (Andrade, 2006, p.166). A escala é do tipo *Likert* de 4 pontos desde o 1 “Concordo Totalmente” até 4 “Discordo Totalmente”. Quanto maior a pontuação obtida, mais positivas são as atitudes em relação à igualdade de papéis de género.

A consistência interna dos fatores, obtida através do cálculo do alfa de Cronbach, é de .79 para o fator 1 e de .68 para o fator 2.

### 3.2.6 Questionário do Ambiente Familiar (QHF)

O questionário do Ambiente Familiar é um dos 3 questionários do instrumento *Family Background Questionnaire* criado por Melchert em 1991 e visa avaliar as características das experiências na família-de-origem com o pai, mãe e em relação ao ambiente familiar. O resultado fornece um valor global de funcionamento familiar (Monteiro & Maia, 2010).

Nesta investigação utilizamos apenas o Questionário do Ambiente Familiar que é constituído por 50 itens. Comporta 6 subescalas, nomeadamente, “Ausência de Abuso de Substâncias Parental” (8 itens), “Coligação Parental e Ajustamento Psicológico Parental” (11 itens), “Cuidado Físico e Relacionamento Parental Não-Violento” (9 itens), “Ausência de Tarefas Domésticas” (7 itens), “Apoio Social Infantil e Expressão Emocional Familiar” (7 itens) e “Controlo Parental” (8 itens).

Todas as questões são avaliadas num *continuum* de 1 a 5, em que 1 significa muito mau funcionamento familiar e 5 muito bom funcionamento familiar.

No Questionário do Ambiente Familiar os itens 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 50 são invertidos.

A adaptação Portuguesa é de Monteiro e Maia (2009) e revelou boas qualidades psicométricas revelando um alfa de Cronbach de .84 para o Questionário do Ambiente Família (Monteiro & Maia, 2010).

### 3.3 Procedimentos da investigação

Os sujeitos que compõem a amostra foram desde logo informados sobre os objetivos da investigação assim como o protocolo e os procedimentos. Foram, ainda, informados de que a sua participação seria voluntária, confidencial e anónima pelo que tiveram de assinar um termo de consentimento informado.

Consideraram-se como critérios de exclusão: (i) indivíduos com

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacr94@gmail.com) 2016-2017

idade menor de 18 anos e superior a 70 anos; (ii) elementos do sexo masculino; (iii) elementos que não estejam ou não tivessem estado numa relação no último ano.

### 3.4 Procedimentos Estatísticos

Para a análise estatística dos dados recolhidos, recorreu-se à versão 22.0 do programa *Statistical Package for Social Sciences*.

Por forma a analisar as características da amostra, foram efetuadas estatísticas descritivas (tabela 1), nomeadamente médias e desvios-padrão das variáveis em estudo.

Seguidamente, testou-se a normalidade dos dados através do teste Kolmogorov-Smirnov (Maroco, 2010). Tendo em consideração que a amostra não seguia uma distribuição normal, recorreu-se aos testes paramétricos do *t* de *student* (para amostras independentes) para as variáveis que seguiam a distribuição normal e ao teste de Mann-Whitney (teste não paramétrico alternativo ao teste *t* para amostras independentes) para aquelas cuja distribuição não era normal.

Foi realizada, também, a análise da variância obtida para as variáveis cuja distribuição é normal através do teste de *Levene* (Martins, 2011).

Foram feitas regressões lineares simples que permitem avaliar a influência quantitativa das variáveis independentes sobre a variável dependente na amostra (Maroco, 2010) informando sobre a margem de erro dessas previsões (Pestana & Gageiro, 2008).

No estudo de predição, ao contrário do estudo comparativo inicialmente feito, não houve uma divisão de grupos (clínico e controlo). Isto porque a Escala CTS2 determina o nível de violência entre íntimos. Desta forma, conseguiu-se avaliar não só as vítimas do grupo clínico como as possíveis vítimas existentes no grupo de controlo.

## IV – Apresentação dos resultados

**Tabela 2**

*Estudo das diferenças entre o grupo de controlo e o grupo clínico em todas as variáveis. Teste t Student e U Mann-Whitney*

	G. Controlo (N=100)		G. Clínico (N=19)		T
	M	DP	M	DP	
Idade	25.82	6.603	39.53	13.251	-4.406***
Escolaridade	15.19	2.173	9.05	4.129	6.314***
Rendimentos mensais do agregado familiar	2.17	0.766	1.21	0.535	6.629**
QHF					
Ambiente familiar	4.0092	0.40716	3.8589	0.60212	.309
ASI					
SH sobre mulheres	2.5909	0.59543	2.7656	0.48515	.177
SB sobre mulheres	2.7400	0.58347	3.2297	0.45994	.001**
AMI					
SH sobre homens	2.4240	0.76292	3.4000	0.66999	.000***
SB sobre homens	1.9790	0.69067	2.7000	0.59442	.000***
		Mean Rank		Mean Rank	U
EAPG					
Divisão tradicional		39.89		63.82	568,000**
Divisão igualitária		77.37		56.70	1.280,000*
CTS2					
Negociação emocional		55.98		81.13	1.351,500**
Negociação cognitiva		55.22		85.18	1.428,000***
Agressão psicológica ligeira		51.58		104.34	1.792,000***
Agressão psicológica severa		51.16		106.50	1.833,500***
Abuso físico s/ sequelas ligeiro		50.90		107.92	1.860,500***
Abuso físico s/ sequelas severo		51.26		105.97	1.823,500***
Abuso físico c/ sequelas ligeiro		58.21		69.42	1.129,000**
Abuso físico com sequelas severo		59.19		64.26	1.031,000
Coerção sexual ligeira		53.44		94.53	1.606,000***
Coerção sexual		53.64		93.47	1.586,000***

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacl94@gmail.com) 2016-2017

severa  
 Nota: \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ ; SH= Sexismo Hostil; SB= Sexismo Benevolente.

Os resultados obtidos indicam que, em relação à variável idade e escolaridade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ( $p < .001$ ) sendo o grupo de controlo mais jovem e mais instruído. Tentou-se que esta diferença fosse minorizada aquando a junção dos dois grupos para o estudo de predição. Desta forma, não só se avaliou um maior número de mulheres como possibilitou abranger possíveis vítimas de algum tipo de táticas de conflito do grupo de controlo que se verificou existir através da presença de *outliers*.

De qualquer modo, os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre grupos quanto às atitudes sexistas benevolentes em relação às mulheres ( $p < .001$ ) tendo sido a média superior no grupo clínico. Isto pode significar que as mulheres que compõem este grupo apresentam mais atitudes sexistas de benevolência em relação às próprias mulheres.

O mesmo padrão se verifica em relação às atitudes sexistas hostis ( $p < .001$ ) e benevolentes ( $p < .001$ ) em relação aos homens nas quais as médias do grupo clínico são também superiores à do grupo de controlo.

São também estatisticamente significativas as diferenças entre os dois grupos no que concerne às atitudes perante os papéis de género. O grupo clínico tem uma média superior no fator “divisão tradicional dos papéis de género” ( $p < .01$ ) e uma média inferior no fator “divisão igualitária dos papéis de género” ( $p < .05$ ).

Em relação aos fatores que caracterizam a violência doméstica, existem diferenças significativas entre grupos em todos os fatores da escala CTS2 à exceção do abuso físico com sequelas severo ( $p > .05$ ). As mulheres que compõem o grupo clínico são, sobretudo, vítimas de violência psicológica, sexual e física ligeira, o que poderá justificar a referida ausência de diferenças significativas.



Por fim, não existem diferenças significativas quanto ao ambiente familiar ( $p=.309$ ;  $p>.05$ ) e às atitudes sexistas hostis em relação às próprias mulheres ( $p=.177$ ;  $p>.05$ ).

### **Influência da idade e da escolaridade nas táticas de conflito utilizadas (CTS2).**

O estudo das variáveis idade e escolaridade da respondente evidencia que a idade é uma preditora significativa da agressão psicológica ligeira ( $\beta =.219$ ;  $t=3.969$ ;  $p =.001$ ), da agressão psicológica severa ( $\beta =.201$ ;  $t = 4.107$ ;  $p =.001$ ), do abuso físico sem sequelas ligeiro ( $\beta =.166$ ;  $t=3.706$ ;  $p =.001$ ), do abuso físico sem sequelas severo ( $\beta =.149$ ;  $t = 4.032$ ;  $p =.001$ ) e da coerção sexual severa ( $\beta =.180$ ;  $t =4.013$ ;  $p =.001$ ).

A variável escolaridade revelou-se uma preditora significativa da negociação cognitiva ( $\beta =-.122$ ;  $t =-3.393$ ;  $p =.001$ ), da agressão psicológica ligeira ( $\beta =-.805$ ;  $t =-6.378$ ;  $p =.001$ ), da agressão psicológica severa ( $\beta =-.886$ ;  $t =-8.698$ ;  $p =.001$ ), do abuso físico sem sequelas ligeiro ( $\beta =-.773$ ;  $t =-8.228$ ;  $p =.001$ ), do abuso físico sem sequelas severo ( $\beta =-.583$ ;  $t =7.057$ ;  $p =.001$ ), da coerção sexual ligeira ( $\beta =-.636$ ;  $t =-6.008$ ;  $p =.001$ ), da coerção sexual severa ( $\beta =-.665$ ;  $t =-6.495$ ;  $p =.001$ ), do abuso físico com sequelas ligeiro ( $\beta =-.070$ ;  $t =-2.537$ ;  $p =.013$ ) e, por fim, do abuso físico com sequelas severo ( $\beta =-.054$ ;  $t =-2.428$ ;  $p =.017$ ), ou seja, de todas as táticas à exceção da negociação emocional (Tabela 3).

**Tabela 3**

*Valores significativos na regressão linear simples para a análise das variáveis idade e escolaridade do respondente nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

<b>Variável Preditora</b>	<b>Variável Dependente</b>	<b>B</b>	<b>SE</b>	<b>T</b>	<b>B</b>	<b>R<sup>2</sup></b>	<b>R<sup>2a</sup></b>
Idade	CTS2_APL	<b>.219***</b>	.055	3.969	.344	.119	.111
Idade	CTS2 _APS	<b>.201***</b>	.049	4.107	.355	.126	.119
Idade	CTS2_AFSL	<b>.166***</b>	.045	3.706	.324	.105	.097
Idade	CTS2_AFSS	<b>.149***</b>	.037	4.032	.349	.122	.115
Idade	CTS2_CSS	<b>.180***</b>	.045	4.013	.348	.121	.113
Escolaridade	CTS2 _NC	<b>-.122***</b>	.036	-3.393	-.299	.090	.082
Escolaridade	CTS2_APL	<b>-.805***</b>	.126	-6.378	-.508	.258	.252

O ambiente familiar, as crenças e representações sociais dos papéis de género como preditores de violência doméstica.

Cláudia Costa Leite Rocha (claudiacr94@gmail.com) 2016-2017

Escolaridade	CTS2 _APS	<b>-.886***</b>	.102	-8.698	-.627	.393	.388
Escolaridade	CTS2_AFSL	<b>-.773***</b>	.094	-8.228	-.605	.367	.361
Escolaridade	CTS2_AFSS	<b>-.583***</b>	.083	-7.057	-.546	.299	.293
Escolaridade	CTS2_CSL	<b>-.636***</b>	.106	-6.008	-.486	.236	.229
Escolaridade	CTS2_CSS	<b>-.665***</b>	.102	-6.495	-.515	.265	.259
Escolaridade	CTS2_AFCL	<b>-.070*</b>	.027	-2.537	-.228	.052	.044
Escolaridade	CTS2_AFCS	<b>-.054*</b>	.022	-2.428	-.219	.048	.040

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSS= Coerção sexual severa. NC= Negociação cognitiva. CSL= Coerção sexual ligeira. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.

### **Influência do Sexismo Ambivalente (ASI) em relação às mulheres e do Sexismo Ambivalente em relação aos homens (AMI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2).**

Através da análise da influência das variáveis relativas ao sexismo ambivalente (ASI) em relação às mulheres verifica-se que o sexismo benevolente em relação às mulheres é um preditor significativo da agressão psicológica ligeira ( $\beta = 2.031$ ;  $t = -2.217$ ;  $p = .029$ ), da agressão psicológica severa ( $\beta = 2.417$ ;  $t = 3.011$ ;  $p = .003$ ), do abuso físico sem sequelas ligeiro ( $\beta = 2.321$ ;  $t = 3.216$ ;  $p = .002$ ), do abuso físico sem sequelas severo ( $\beta = 2.171$ ;  $t = 3.642$ ;  $p = .001$ ), da coerção sexual severa ( $\beta = 2.390$ ;  $t = 3.278$ ;  $p = .001$ ) e, por último, do abuso físico com sequelas severo ( $\beta = .325$ ;  $t = 2.305$ ;  $p = .023$ ). O sexismo hostil em relação às mulheres não se mostrou um preditor significativo de nenhuma das táticas de conflito utilizadas (Tabela 4).

**Tabela 4**

*Valores significativos na regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente (ASI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
ASI_ SB	CTS2_APL	<b>2.031*</b>	.916	2.217	.201	.040	.032
ASI_ SB	CTS2_APS	<b>2.417**</b>	.803	3.011	.268	.072	.064
ASI_ SB	CTS2_AFSL	<b>2.321**</b>	.722	3.216	.285	.081	.073
ASI_ SB	CTS2_AFSS	<b>2.171***</b>	.596	3.642	.319	.102	.094
ASI_ SB	CTS2_CSS	<b>2.390**</b>	.729	3.278	.290	.084	.076
ASI_ SB	CTS2_AFCS	<b>.325*</b>	.141	2.305	.208	.043	.035

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . APL= Agressão psicológica ligeira. APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSS= Coerção sexual severa. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.

Na Tabela 5 encontra-se representada a análise da influência das variáveis ligadas ao sexismo ambivalente em relação aos homens. É possível observar que a benevolência em relação aos homens prediz significativamente a agressão psicológica ligeira ( $\beta = 1.972$ ;  $t = 2.658$ ;  $p = .009$ ), a agressão psicológica severa ( $\beta = 2.229$ ;  $t = 3.435$ ;  $p = .001$ ), o abuso físico sem sequelas ligeiro ( $\beta = 1.894$ ;  $t = 3.210$ ;  $p = .002$ ), o abuso físico sem sequelas severo ( $\beta = 1.612$ ;  $t = 3.276$ ;  $p = .001$ ), a coerção sexual ligeira ( $\beta = 1.413$ ;  $t = 2.289$ ;  $p = .024$ ) e a coerção sexual severa ( $\beta = 2.071$ ;  $t = 3.494$ ;  $p = .001$ ).

Relativamente à hostilidade em relação aos homens observam-se resultados semelhantes: observam-se resultados significativos em relação à agressão psicológica ligeira ( $\beta = 2.333$ ;  $t = 3.689$ ;  $p = .001$ ), à agressão psicológica severa ( $\beta = 2.172$ ;  $t = 3.874$ ;  $p = .001$ ), ao abuso físico sem sequelas ligeiro ( $\beta = 1.898$ ;  $t = 3.731$ ;  $p = .001$ ), ao abuso físico sem sequelas severo ( $\beta = 1.469$ ;  $t = 3.426$ ;  $p = .001$ ), à coerção sexual ligeira ( $\beta = 1.718$ ;  $t = 3.250$ ;  $p = .002$ ) e, por fim, à coerção sexual severa ( $\beta = 1.538$ ;  $t = 2.925$ ;  $p = .004$ ).

**Tabela 5**

*Valores significativos na regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente em Relação aos Homens (AMI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	t	B	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
AMI_BH	CTS2_APL	<b>1.972**</b>	.742	2.658	.239	.057	.049
AMI_BH	CTS2_APS	<b>2.229**</b>	.649	3.435	.303	.092	.084
AMI_BH	CTS2_AFSL	<b>1.894**</b>	.590	3.210	.285	.081	.073
AMI_BH	CTS2_AFSS	<b>1.612**</b>	.492	3.276	.290	.084	.076
AMI_BH	CTS2_CSL	<b>1.413*</b>	.618	2.289	.207	.043	.035
AMI_BH	CTS2_CSS	<b>2.071**</b>	.593	3.494	.307	.094	.087
AMI_HH	CTS2_APL	<b>2.333***</b>	.632	3.689	.323	.104	.097
AMI_HH	CTS2_APS	<b>2.172***</b>	.561	3.874	.337	.114	.106
AMI_HH	CTS2_AFSL	<b>1.898***</b>	.509	3.731	.326	.106	.099
AMI_HH	CTS2_AFSS	<b>1.469**</b>	.429	3.426	.302	.091	.083
AMI_HH	CTS2_CSL	<b>1.718**</b>	.529	3.250	.288	.083	.075
AMI_HH	CTS2_CSS	<b>1.538**</b>	.526	2.925	.261	.068	.060

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . APL= Agressão psicológica ligeira. APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa.

**Influência das atitudes perante os papéis de género (EAPG) e do Ambiente Familiar (QHF) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2).**

No que concerne à influência das atitudes perante os papéis de género (Tabela 6) verifica-se que a divisão tradicional é uma preditora significativa da agressão psicológica severa ( $\beta = -1.470$ ;  $t = -2.002$ ;  $p = .048$ ), do abuso físico sem sequelas severo ( $\beta = -1.183$ ;  $t = -2.138$ ;  $p = .035$ ) e da coerção sexual severa ( $\beta = -1.787$ ;  $t = -2.696$ ;  $p = .008$ ). A divisão igualitária não se mostrou como uma preditora significativa de nenhuma tática de conflito utilizada (Tabela 3).

**Tabela 6**

*Valores significativos na regressão linear simples para a análise da influência das atitudes perante os papéis de género (EAPG) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
EAPG_DT	CTS2_APS	<b>-1.470*</b>	.734	-2.002	-.182	.033	.025
EAPG_DT	CTS2_AFSS	<b>-1.183*</b>	.553	-2.138	-.194	.038	.029
EAPG_DT	CTS2_CSS	<b>-1.787**</b>	.663	-2.696	-.242	.058	.050

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . APS= Agressão psicológica severa. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSS= Coerção sexual severa.

Na Tabela 7 observa-se que o ambiente familiar é um preditor significativo do abuso físico sem sequelas severo ( $\beta = -1.719$ ;  $t = -2.089$ ;  $p = .039$ ), da coerção sexual ligeira ( $\beta = -2.154$ ;  $t = -2.135$ ;  $p = .035$ ) e da coerção sexual severa ( $\beta = -2.732$ ;  $t = -2.779$ ;  $p = .006$ ).

**Tabela 7**

*Valores significativos na regressão linear simples para a análise da influência do ambiente familiar (QHF) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
QHF_AF	CTS2_AFSS	<b>-1.719*</b>	.823	-2.089	-.190	.036	.028
QHF_AF	CTS2_CSL	<b>-2.154*</b>	1.009	-2.135	-.194	.037	.029
QHF_AF	CTS2_CSS	<b>-2.732**</b>	.983	-2.779	-.249	.062	.054

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL=Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa.

## V - Discussão

O estudo comparativo entre grupos salientou diferenças estatisticamente significativas em algumas características sociodemográficas, nomeadamente, a idade e escolaridade.

Tal como anteriormente referido, estas diferenças, desde já consideradas como uma limitação do estudo, foram minimizadas quando trabalhamos a amostra total no estudo de predição.

Ainda assim, e tendo em consideração o estudo destas duas variáveis como preditoras de violência entre íntimos, conseguimos compreender que ambas são fortes preditoras de diferentes táticas de conflito. Na realidade, a educação tem assumido, ultimamente, um papel determinante nos estudos de predição sobre Violência Doméstica, sendo que se tem verificado que a educação e o conhecimento estimulam o desenvolvimento de sentimentos de auto-eficácia na mulher ajudando no processo de não-aceitação de relações desiguais (Fakir, Anjum, Bushra & Nawar, 2016). Ter um nível de educação alto, um bom estatuto económico, viver na cidade e ter independência financeira são factores protetores para as mulheres contra a violência entre íntimos, embora a violência também exista nestes casos (Faramarzi, Esmailzadeh & Mosavi, 2005).

O primeiro objetivo deste trabalho consistia em estudar as diferenças entre grupos relativamente ao ambiente familiar na família de origem e às várias dimensões que avaliam as crenças e representações sociais dos papéis de género.

Mas, primeiramente, é importante referir que os grupos apresentam diferenças estatisticamente significativas nas diferentes dimensões da violência, à exceção do abuso físico com sequelas severo. Este resultado faz sentido tendo em consideração que o grupo clínico era vítima, sobretudo, de violência física ligeira e violência psicológica severa. Tal como anteriormente referido, as tradições patriarcais postulam que o homem tem o direito de controlar a mulher através, essencialmente, da subordinação económica, das ameaças, do

isolamento e não tanto através da violência física (Johnson, 1995). Cada vez mais se tem verificado que a ênfase da violência de gênero, atualmente, está na dimensão psicológica e emocional (como o insulto ou humilhação cujo objetivo é diminuir a autoestima da vítima) (Merry, 2011).

Segundo a mesma autora, são muitos os relatos de vítimas que asseveram que os ataques à autoestima doem mais que a agressão física (Merry, 2011).

A violência de gênero inclui ameaças, assédio e *stalking*, ou seja, ações cujo objetivo é provocar medo na ausência de dano físico (Merry, 2011).

Neste sentido, em relação às diferentes dimensões que constituíam as crenças e representações sociais, o grupo clínico tem uma pontuação superior em todas as dimensões (sexismo benevolente em relação às mulheres, sexismo benevolente em relação aos homens, sexismo hostil em relação aos homens e divisão tradicional em relação às atitudes perante os papéis de gênero) à exceção da dimensão divisão igualitária em relação às atitudes perante os papéis de gênero. Estes resultados são suportados pela literatura pois pontuam superiormente em todas as dimensões que suportam a desigualdade de gênero e, segundo Miedema, Shwe e Kyaw (2016), a desigualdade estrutural de gênero coloca a mulher em desvantagem em termos de opções de vida antes e durante o casamento.

O ambiente familiar na família de origem e o sexismo hostil em relação às mulheres não apresentam diferenças estatisticamente significativas contrariamente ao esperado segundo outros trabalhos (Glick, Sakalli-Ugurlu, Ferreira, & Souza, 2002; McCloskey, 2017). No entanto, num outro estudo, Simons (1998) concluiu não haver associação entre agressão entre pais e o envolvimento do jovem em comportamentos violentos no namoro. Esta relação só se verificava quando mediada por comportamentos delinquentes e consumo de drogas (Simons, Lin, & Gordon, 1998).

Considerando agora o factor sexismo benevolente em relação às mulheres medido pelo ASI, este é definido como um conjunto de atitudes subjetivas de proteção que idealizam e promovem o papel tradicional da mulher na relação (Glick et al., 2002).

Estas crenças têm um efeito perverso pois, contrariamente ao que sugerem, servem como mecanismos de manutenção de desigualdade de género (Costa et al., 2015).

Seria expectável que o sexismo benevolente em relação às mulheres não fosse um preditor da violência doméstica mas sim um fator protetor. No entanto, o sexismo benevolente apenas prediz atitudes positivas em relação às mulheres que seguem o padrão tradicional dos papéis de género (Glick et al., 2002). As atitudes sexistas benevolentes em relação às mulheres são entendidas, pela maioria, como formas de proteção e respeito pelas mulheres sendo, portanto, facilmente aceites pelos homens e mulheres (Chen, Fiske, & Lee, 2009).

Desta forma, torna-se compreensível que o grupo clínico desta investigação tenha uma pontuação superior neste fator em comparação com o grupo de controlo, assim como a relação positiva entre este fator e os diferentes fatores que perfilam a vitimização (neste caso, agressão psicológica ligeira, a agressão psicológica severa, o abuso físico sem sequelas ligeiro, o abuso físico sem sequelas severo, a coerção sexual severa e o abuso físico com sequelas severo). Tal como evidenciado por Glick et al. (2002), a benevolência em relação às mulheres correlaciona-se positivamente com atitudes favoráveis sobre o uso da força física e com atitudes que legitimam o abuso contra as mulheres.

O fator hostilidade em relação às mulheres não se revelou significativo para nenhuma das táticas utilizadas. Era esperado que, também este, estivesse correlacionado positivamente com a violência doméstica, pois expressa-se em atitudes antagónicas sobre as mulheres que desafiam e violam os papéis tradicionais de género (Glick et al., 2002).

O sexismo hostil perante as mulheres prediz a legitimação do abuso sobre a mesma, pois promove na vítima a tolerância de tal comportamento do homem para com a mulher (Glick et al., 2002). Num estudo intercultural concluiu-se que pontuações elevadas neste fator estão associadas a desigualdade de género (Paludi, 2010).

No entanto, as representações sociais não são estáticas nem estáveis no tempo (Fraser, 1994) pois dependem da posição social do observador assim como do contexto social do acontecimento (Merry, 2011). Portanto, as representações sociais tidas no período de pós-separação em que o grupo já se encontrava, são susceptíveis de serem diferentes das tidas no período de vitimação.

Aliás, num estudo comparativo, concluiu-se que o sexismo hostil actua mais sobre os homens do que sobre as mulheres (Chen et al., 2009).

Em contraste, o AMI mede as atitudes sexistas benevolentes e hostis em relação aos homens.

Neste sentido, e considerando as atitudes sexistas benevolentes em relação aos homens, verifica-se que a benevolência em relação aos homens prediz diferentes tipos de violência, sendo que quanto mais atitudes de benevolência maior a predisposição à vitimização. O sexismo benevolente sustém-se em atitudes mais subtis do domínio masculino e reconhece a dependência masculina das mulheres (ou seja, o poder diádico das mulheres) (Glick & Fiske, 1997).

A relação positiva obtida nos resultados é claramente compreendida quando lida à luz da teoria feminista e do modelo ecológico da violência, pois estas defendem que a estrutura patriarcal sustém a desigualdade de género também no desenvolvimento de atitudes maternalistas protetoras das mulheres para com os homens (Costa et al., 2015). Tal como defendido por Glick e Fiske (1997), quando tais relações disfuncionais e desiguais ocorrem por longos períodos de tempo em condições que promovem a interação entre membros do grupos dominante e subordinado, as atitudes intergrupais



não são susceptíveis de serem puramente hostis. Assim sendo, é recorrente que ideologias "benevolentes" se tornem proeminentes (Glick & Fiske, 1997). Num estudo realizado com população do Brasil e Turquia (Glick et al., 2002), verificou-se uma relação consistente entre o sexismo benevolente em relação aos homens e as atitudes de legitimização de abuso e violência sobre a mulher.

As atitudes sexistas hostis em relação aos homens também se relacionam positivamente com várias táticas de conflito utilizadas na violência doméstica, como é caso da agressão psicológica ligeira e severa, do abuso físico sem sequelas ligeiro e severo, e coerção sexual ligeira e severa. Isto significa que quanto mais atitudes sexistas de hostilidade em relação aos homens, maior é a predisposição para a violência doméstica. Estes resultados não são surpreendentes, pois os grupos vitimizados e negativamente avaliados tendem a desenvolver estratégias ativas contra a desigualdade de poder exercida sobre eles pelo grupo dominante assim como a ressentir, de uma forma hostil, o estatuto superior do grupo dominante (Costa et al., 2015).

Aos mesmos resultados chegou um estudo de Kuijpers, Knaap e Winkel (2012) concluindo que comportamentos de evitamento por parte da vítima são altamente preditores de violência psicológica e física entre íntimos quando acompanhada de níveis médios/altos de raiva por parte da vítima em relação ao agressor. Quando os níveis de raiva são baixos, os comportamentos de evitamento não predizem significativamente a violência entre íntimos (Kuijpers, Knaap, & Winkel, 2012).

Os comportamentos de evitamento, de raiva e agressivos por parte da vítima influenciam, direta ou indiretamente, o risco de vitimização e revitimização (Kuijpers et al., 2012).

O ambiente familiar, embora não apresente diferenças estatisticamente significativas entre grupos, revelou-se um preditor significativo da violência (nomeadamente do abuso físico sem sequelas severo, da coerção sexual ligeira e da coerção sexual severa) sendo que

quanto mais violento o ambiente familiar na família de origem, maior a predisposição para a vitimização ou naturalização de comportamentos violentos enquanto adulto.

Os resultados desta investigação são semelhantes aos obtidos num estudo de Ehrensaft et al. (2003), cujos resultados demonstram que a exposição à violência entre os pais e o castigo são preditores potentíssimos de perpetração/vitimização na vida adulta. Os castigos incutidos pela mãe podem servir como modelos de expressão de raiva e a aceitação das normas coercivas e baseadas no poder como formas de regular conflitos que podem ter implicações diretas nos jovens adultos na sua relação com os pares (Ehrensaft et al., 2003).

Por fim, o fator divisão tradicional medido pela Escala de Atitudes perante os papéis de género prediz negativamente a agressão psicológica severa, o abuso físico sem sequelas severo e a coerção sexual severa. Esta relação indica que quanto maiores as atitudes de valorização da divisão tradicional de papéis maior a probabilidade de vitimização em relação a estas dimensões da violência pois quanto maior a pontuação no fator mais positivas são as atitudes em relação à igualdade de papéis de género.

A divisão tradicional dos papéis de género está diretamente relacionada com o sistema patriarcal. Este tem grande influência na etiologia da violência de género pois pode ser definido como um conjunto de expectativas comportamentais que evocam punições quando não cumpridas como esperado (Merry, 2011). Ou seja, defende a ideia de que o homem tem o direito de disciplinar a mulher sem qualquer risco de intervenção estatal (Walsh et al., 2015).

## Conclusões

Os resultados obtidos neste estudo evidenciam o papel fundamental da aprendizagem social na violência de género.

Tanto o ambiente familiar como as crenças e representações sociais dos papéis de género são produtos de uma aprendizagem social. Assim, se é expectável que a aprendizagem social assuma um papel predominante na transmissão de comportamentos delinquentes/criminais/vitimização, é, igualmente, expectável que o mesmo se verifique na transmissão de valores, crenças e atitudes.

Em relação às diferentes dimensões referentes a crenças e representações sociais dos papéis de género, os elevados níveis de sexismo hostil e benevolente em relação aos dois géneros coincidem com o perfil esperado de vítima. O sexismo, associado a outras dimensões sociais e biológicas (como traços de personalidade), representa um fator essencial no desenvolvimento de relações disfuncionais (Weijer et al., 2014).

O mesmo se confirma quando analisamos as atitudes em relação à divisão de papéis de género. O grupo clínico pontuou superiormente no fator divisão tradicional dos papéis de género indicando, portanto, que o sistema de crenças e atitudes implícito está associado a uma cultura tradicional/patriarcal.

O ambiente familiar, por sua vez, tem também grande impacto na violência entre íntimos. Através dos resultados pode inferir-se que um ambiente familiar disfuncional serve de modelo relacional promovendo, então, a violência entre pares e a descrença na igualdade de género.

A relevância deste estudo está no facto de as vítimas de violência entre íntimos terem consequências físicas e mentais mais duradouras e severas do que outros tipos de crime (Weijer et al., 2014).

No entanto, este estudo apresenta algumas limitações das quais se salienta o já referido desequilíbrio sociodemográfico entre as duas amostras, particularmente a idade e a escolaridade (Khurshid, 2016), o

número reduzido de vítimas de violência entre íntimos e a não análise de alguns traços de personalidade associados a comportamentos de violência (Weijer et al., 2014).

Neste sentido, seria interessante acrescentar a análise de traços de personalidade e, especialmente, o fator escolaridade como fatores mediadores desta relação entre o ambiente na família de origem e o sistema de crenças em adulto.

### Bibliografia

- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das "Escala de Táticas de Conflito Revisadas": estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Ali, P. A., & Naylor, P. B. (2013). Intimate partner violence: A narrative review of the feminist, social and ecological explanations for its causation. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 611-619.
- Andrade, C. (2006). Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: estudo diferencial e intergeracional (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2006).
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2010). *Manual Alcipe: Para o atendimento de mulheres vítimas de violência doméstica (2ªed)*, Lisboa, APAV.
- Bandura, A. (1969). Social learning of moral judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 11, 275-279.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall
- Belsky, J. (1980). Child Maltreatment: An Ecological Integration. *American Psychologist*, 35 (4), 320-335.
- Bograd, M. (1988). Feminist perspectives on wife abuse: An introduction. In K. Yllö & M. Bograd (Eds.), *Feminist*

- perspectives on wife abuse (11-26)*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Brace, N., Kemp, R., & Snelgar, R. (2000). *SPSS for Psychologists- a Guide to Data Analysis using SPSS for Windows*. London: Macmillan press Ltd.
- Cappell, C., & Heiner, R. (1990). The Intergenerational Transmission of Family Agression. *Journal of Family Violence*, 5(2), 135-152.
- Carlson, B. E. (1984). Causes and Maintenance of Domestic Violence: An Ecological Analysis. *Social Service Review* , 58 (4), 569-587.
- Chaves, E., & Sani, A. (2014). Violência Familiar: Da Violência Conjugal à Violência Sobre a Criança. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*, 1, 1-10.
- Chen, Z., Fiske, S. T., & Lee, T. L. (2009). Ambivalent Sexism and Power-Related Gender-role Ideology in Marriage. *Sex Roles*, 60, 765-778. doi:10.1007/s11199-009-9585-9
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: O Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28 (1), 126-135. doi:10.1590/1678-7153.201528114
- Draganovic, S. (2011). Approaches to Feminist Therapy: A Case Study Illustration. *Epiphany: Journal of transdisciplinary studies*, 4 (1), 111-127.

- Ehrensaft , M. K., Cohen, P., Brown, J., Smailes, E., Chen, H., & Johnson, J. G. (2003). Intergenerational Transmission of Partner Violence: A 20-Year Prospective Study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71* (4), 741-753. doi:10.1037/0022-006X.71.4.741
- Fakir, A. M. S., Anjum, A., Bushra F., & Nawar, N. (2016). The endogeneity of domestic violence: Understanding women empowerment through autonomy. *World Development Perspectives, 2*, 34-42.
- Faramarzi, M., Esmailzadeh, S., & Mosavi, S. (2005). A comparison of abused and non-abused women's definitions of domestic violence and attitudes to acceptance of male dominance. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology, 122*, 225-231. doi: 10.1016/j.ejogrb.2004.11.047
- Franklin, C. A. (2010). *The Intergenerational Transmission of Intimate Partner Violence*. Houston: Crime Victims Institute.
- Franklin, C. A., & Kercher, G. A. (2012). The Intergenerational Transmission of Intimate Partner Violence: Differentiating Correlates in a Random Community Sample. *Journal of Family Violence, 27*, 187-199. doi: 10.1007/s10896-012-9419-3
- Fraser, C. (1994). Attitudes, Social Representations and Widespread Beliefs. *Papers on Social Representations- Textes sur les Représentations Sociales, 3* (1), 1-138.

- Gelles, R. J., Straus, M. A. (1979). Determinants of violence in the family: toward a theoretical integration. In W. R. Burr., R. Hill, F. I Nye, I. L. Reiss (Eds.). *Contemporary theories about the family (549-581)*. New York: Free Press.
- Glick, P., & Fiske, S. (1997). Hostile and benevolent sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 119-135. doi:0361-6843
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An Ambivalent Alliance: Hostile and Benevolent Sexism as Complementary Justifications. *American Psychologist*, 56 (2), 109-118. doi:10.1037/0003-066X.56.2.109
- Glick, P., Sakalli-Ugurlu, N., Ferreira, C. M., & Souza, M. A. (2002). Ambivalent Sexism and Attitudes toward Wife Abuse in Turkey and Brazil. *Psychology of Women Quarterly*, 26, 292-297. doi:0361-6843/02
- Hayes, B. E., & Boyd, K. A. (2016). Influence of Individual-and National-Level Factors on Attitudes toward Intimate Partner Violence. *Sociological Perspectives*, 1-17. doi:10.1177/0731121416662028
- Heise, L. L. (1998). Violence Against Women: An Integrated, Ecological Framework. *Violence Against Women*, 4 (3), 262-290. doi:10.1177/1077801298004003002
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence Against Women. *Journal of Marriage and the Family*, 57 (2), 283-294.



- Kerr, M., and Bowen, M. (1988). *Family Evaluation: An Approach Based on Bowen Theory*. NY, Norton.
- Kuijpers, F. K., Knaap, L. M., & Winkel, F. W. (2012). Risk of Revictimization of Intimate Partner Violence: The Role of Attachment, Anger and Violent Behaviour of the Victim. *Journal of Family Violence*, 27(1), 33-44. doi:10.1007/s10896-011-9399-8
- Khurshid, A. (2016). Domesticated gender (in)equality: Women's education & gender relations among rural communities in Pakistan. *International Journal of Educational Development*, 51, 43-50.
- Magalhães, T. (2002). *Maus Tratos em Crianças e Jovens*. Coimbra. Quarteto.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS- Saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Matos, M. (2002). Violência Conjugal. In R. A. Gonçalves, C. Machado, *Violência e Vítimas de Crimes. Vol 1. Adultos* (83-129). Coimbra: Coimbra: Quarteto.
- McCloskey, L. A. (2017). The Intergenerational Transmission of Child Maltreatment: Socio-ecological and Psychological Origins of Maternal Risk. In D. M. Teti, *Parenting and Family Processes*

- in Child Maltreatment and Intervention* (47-76). Switzerland: Springer.
- McPhail, B. A., Busch, N. B., Kulkarni, S., & Rice, G. (2014). An Integrative Feminist Model: The Evolving Feminist Perspective on Intimate Partner Violence. *Violence Against Women, 13*(8), 817-841. doi:10.1177/1077801207302039
- Merry, S. E. (2011). *Gender violence: A Cultural perspective*, 3. Wiley-Blackwell.
- Miedema, S. S., Shwe, S., & Kyaw, A., T. (2016). Social inequalities, empowerment and women's transitions into abusive marriages: A Case Study from Myanmar. *Gender & Society, 20* (2), 1-25. doi: 10.1177/0891243216642394
- Monteiro, I.S., & Maia, A. (2010). Avaliação Psicométrica de três Questionários sobre o historial familiar. *Revista de Psiquiatria Clínica, 37* (3), 97-104.
- Paludi, M. A. (2010). *Feminism and Women's Right's Worldwide* (Vol. 1). Santa Barbara: ABC-CLIO.
- Pestana, M. H., & João, N. G. (2003). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementariedade do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (2002). *Terapia Familiar* (5ªed.). Edições Afrontamento.
- Simons, R. L., Lin, K.-H., & Gordon, L. C. (1998). Socialization in the Family of Origin and Male Dating Violence: A Prospective

- Study. *Journal of Marriage and Family*, 60(2), 467-478.
- Walker, L. (1979). *The battered woman*. New York: Harper and Row.
- Walker, L. (2009). *The Battered Women Syndrome*. New York: Springer Publishing Company.
- Walsh, J., Spangaro, J., & Soldatic, K. (2015). Global understandings of domestic violence. *Nursing and Health Sciences*, 17 , 1-4. doi:10.1111/nhs.12197
- Wang, L. (2016). Factors influencing attitude toward intimate partner violence. *Agression and Violent Behavior*, 29, 72-78.
- Weijer, S. G., Bijleveld, C. C., & Blokland, A. A. (2014). The Intergenerational Transmission of Violent Offending. *Family Violence*, 29, 109-118. doi:10.1007/s10896-013-9565-2
- World Health Organization (2012). *Understanding and addressing violence against women*. Geneva: World Health Organization.
- Retirado de: [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO\\_RHR\\_12.36\\_eng.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO_RHR_12.36_eng.pdf).

## **Anexos**

**Anexo 1:** Regressão linear simples para a análise das variáveis idade e escolaridade do respondente nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)

**Anexo 2:** Regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente (ASI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)

**Anexo 3:** Regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente em Relação aos Homens (AMI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)

**Anexo 4:** Regressão linear simples para a análise da influência das atitudes perante os papéis de género (EAPG) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)

**Anexo 5:** Regressão linear simples para a análise da influência do ambiente familiar (QHF) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)

## Anexo 1

*Regressão linear simples para a análise das variáveis idade e escolaridade do respondente nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> <sub>a</sub>
Idade	CTS2_NE	-.007	.012	-.614	-.057	.003	-.005
Idade	CTS2_NC	.023	.015	1.550	.142	.020	.012
Idade	CTS2_APL	<b>.219***</b>	.055	3.969	.344	.119	.111
Idade	CTS2_APS	<b>.201***</b>	.049	4.107	.355	.126	.119
Idade	CTS2_AFSL	<b>.166***</b>	.045	3.706	.324	.105	.097
Idade	CTS2_AFSS	<b>.149***</b>	.037	4.032	.349	.122	.115
Idade	CTS2_CSL	.132	.047	2.807	.251	.063	.055
Idade	CTS2_CSS	<b>.180***</b>	.045	4.013	.348	.121	.113
Idade	CTS2_AFCL	-.005	.011	-.461	-.043	.002	-.007
Idade	CTS2_AFCS	.010	.009	1.094	.101	.010	.002
Escolaridade	CTS2_NE	-.051	.030	-1.695	-.155	.024	.016
Escolaridade	CTS2_NC	<b>-.122***</b>	.036	-3.393	-.299	.090	.082
Escolaridade	CTS2_APL	<b>-.805***</b>	.126	-6.378	-.508	.258	.252
Escolaridade	CTS2_APS	<b>-.886***</b>	.102	-8.698	-.627	.393	.388
Escolaridade	CTS2_AFSL	<b>-.773***</b>	.094	-8.228	-.605	.367	.361
Escolaridade	CTS2_AFSS	<b>-.583***</b>	.083	-7.057	-.546	.299	.293
Escolaridade	CTS2_CSL	<b>-.636***</b>	.106	-6.008	-.486	.236	.229
Escolaridade	CTS2_CSS	<b>-.665***</b>	.102	-6.495	-.515	.265	.259
Escolaridade	CTS2_AFCL	<b>-.070*</b>	.027	-2.537	-.228	.052	.044
Escolaridade	CTS2_AFCS	<b>-.054*</b>	.022	-2.428	-.219	.048	.040

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . NE= Negociação emocional. NC= Negociação cognitiva. APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.

## Anexo 2

*Regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente (ASI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
ASI_SB	CTS2_NE	.076	.193	.395	.036	.001	-.007
ASI_SB	CTS2_NC	.351	.238	1.478	.135	.018	.010
ASI_SB	CTS2_APL	<b>2.031*</b>	.916	2.217	.201	.040	.032
ASI_SB	CTS2_APS	<b>2.417**</b>	.803	3.011	.268	.072	.064
ASI_SB	CTS2_AFSL	<b>2.321**</b>	.722	3.216	.285	.081	.073
ASI_SB	CTS2_AFSS	<b>2.171***</b>	.596	3.642	.319	.102	.094
ASI_SB	CTS2_CSL	1.491	.760	1.962	.178	.032	.024
ASI_SB	CTS2_CSS	<b>2.390**</b>	.729	3.278	.290	.084	.076
ASI_SB	CTS2_AFCL	-.093	.180	-.520	-.048	.002	-.006
ASI_SB	CTS2_AFCS	<b>.325*</b>	.141	2.305	.208	.043	.035
ASI_SH	CTS2_NE	.066	.197	.334	.031	.001	-.008
ASI_SH	CTS2_NC	.413	.241	1.712	.156	.024	.016
ASI_SH	CTS2_APL	-.126	.952	-.132	-.012	.000	-.008
ASI_SH	CTS2_APS	.909	.845	1.076	.099	.010	.001
ASI_SH	CTS2_AFSL	.586	.765	.766	.071	.005	-.004
ASI_SH	CTS2_AFSS	.775	.637	1.217	.112	.013	.004
ASI_SH	CTS2_CSL	.155	.787	.198	.018	.000	-.008
ASI_SH	CTS2_CSS	1.235	.768	1.609	.147	.022	.013
ASI_SH	CTS2_AFCL	-.041	.183	-.223	-.021	.000	-.008
ASI_SH	CTS2_AFCS	.232	.146	1.594	.146	.021	.013

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . NE= Negociação emocional. NC= Negociação cognitiva. APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.

### Anexo 3

*Regressão linear simples para a análise da Influência do Sexismo Ambivalente em Relação aos Homens (AMI) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	t	B	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
AMI_BH	CTS2_NE	.021	.158	.133	.012	.000	-.008
AMI_BH	CTS2_NC	.330	.194	1.702	.155	.024	.016
AMI_BH	CTS2_APL	<b>1.972**</b>	.742	2.658	.239	.057	.049
AMI_BH	CTS2_APS	<b>2.229**</b>	.649	3.435	.303	.092	.084
AMI_BH	CTS2_AFSL	<b>1.894**</b>	.590	3.210	.285	.081	.073
AMI_BH	CTS2_AFSS	<b>1.612**</b>	.492	3.276	.290	.084	.076
AMI_BH	CTS2_CSL	<b>1.413*</b>	.618	2.289	.207	.043	.035
AMI_BH	CTS2_CSS	<b>2.071**</b>	.593	3.494	.307	.094	.087
AMI_BH	CTS2_AFCL	.180	.146	1.231	.113	.013	.004
AMI_BH	CTS2_AFCS	.146	.117	1.244	.114	.013	.005
AMI_HH	CTS2_NE	-.006	.138	-.046	-.004	.000	-.009
AMI_HH	CTS2_NC	.204	.170	1.198	.110	.012	.004
AMI_HH	CTS2_APL	<b>2.333***</b>	.632	3.689	.323	.104	.097
AMI_HH	CTS2_APS	<b>2.172***</b>	.561	3.874	.337	.114	.106
AMI_HH	CTS2_AFSL	<b>1.898***</b>	.509	3.731	.326	.106	.099
AMI_HH	CTS2_AFSS	<b>1.469**</b>	.429	3.426	.302	.091	.083
AMI_HH	CTS2_CSL	<b>1.718**</b>	.529	3.250	.288	.083	.075
AMI_HH	CTS2_CSS	<b>1.538**</b>	.526	2.925	.261	.068	.060
AMI_HH	CTS2_AFCL	.108	.128	.845	.078	.006	-.002
AMI_HH	CTS2_AFCS	.078	.103	.753	.069	.005	-.004

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . NE= Negociação emocional. NC= Negociação cognitiva. APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.

## Anexo 4

*Regressão linear simples para a análise da influência das atitudes perante os papéis de género (EAPG) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	T	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
EAPG_DT	CTS2_NE	-.017	.173	-.101	-.009	.000	-.008
EAPG_DT	CTS2_NC	-.275	.213	-1.289	-.118	.014	.006
EAPG_DT	CTS2_APL	-.941	.833	-1.129	-.104	.011	.002
EAPG_DT	CTS2_APS	<b>-1.470*</b>	.734	-2.002	-.182	.033	.025
EAPG_DT	CTS2_AFSL	-1.210	.665	-1.819	-.166	.027	.019
EAPG_DT	CTS2_AFSS	<b>-1.183*</b>	.553	-2.138	-.194	.038	.029
EAPG_DT	CTS2_CSL	-1.020	.686	-1.488	-.136	.019	.010
EAPG_DT	CTS2_CSS	<b>-1.787**</b>	.663	-2.696	-.242	.058	.050
EAPG_DT	CTS2_AFC L	-.045	.161	-.278	-.026	.001	-.008
EAPG_DT	CTS2_AFC S	-.219	.128	-1.714	-.157	.025	.016
EAPG_DI	CTS2_NE	.101	.288	.350	.032	.001	-.007
EAPG_DI	CTS2_NC	.492	.355	1.387	.127	.016	.008
EAPG_DI	CTS2_APL	1.220	1.391	.877	.081	.007	-.002
EAPG_DI	CTS2_APS	1.166	1.239	.942	.087	.008	-.001
EAPG_DI	CTS2_AFSL	1.157	1.118	1.035	.095	.009	.001
EAPG_DI	CTS2 _AFSS	1.198	.932	1.285	.118	.014	.005
EAPG_DI	CTS2_CSL	1.017	1.149	.886	.082	.007	-.002
EAPG_DI	CTS2_CSS	1.700	1.126	1.509	.138	.019	.011
EAPG_DI	CTS2_AFC L	.061	.269	.226	.021	.000	-.008
EAPG_DI	CTS2_AFC S	.040	.215	.184	.017	.000	-.008

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; \*\*\* $p < .001$ . NE= Negociação emocional. NC= Negociação cognitiva. APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.



## Anexo 5

*Regressão linear simples para a análise da influência do ambiente familiar (QHF) nas táticas de conflito utilizadas (CTS2)*

Variável Preditora	Variável Dependente	B	SE B	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	R <sup>2a</sup>
QHF_AF	CTS2_NE	-.168	.257	-.652	-.060	.004	-.005
QHF_AF	CTS2_NC	-.489	.316	-1.547	-.142	.020	.012
QHF_AF	CTS2_APL	-.365	1.245	-.293	-.027	.001	-.008
QHF_AF	CTS2_APS	-1.351	1.103	-1.225	-.113	.013	.004
QHF_AF	CTS2_AFSL	-1.204	.997	-1.208	-.111	.012	.004
QHF_AF	CTS2_AFSS	<b>-1.719*</b>	.823	-2.089	-.190	.036	.028
QHF_AF	CTS2_CSL	<b>-2.154*</b>	1.009	-2.135	-.194	.037	.029
QHF_AF	CTS2_CSS	<b>-2.732**</b>	.983	-2.779	-.249	.062	.054
QHF_AF	CTS2_AFCL	-.051	.240	-.214	-.020	.000	-.008
QHF_AF	CTS2_AFCS	.028	.192	.143	.013	.000	-.008

*Nota.* \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ ; NE= Negociação emocional. NC= Negociação cognitiva. APL= Agressão psicológica ligeira; APS= Agressão psicológica severa. AFSL= Abuso físico sem sequelas ligeiro. AFSS= Abuso físico sem sequelas severo. CSL= Coerção sexual ligeira. CSS= Coerção sexual severa. AFCL= Abuso físico com sequelas ligeiro. AFCS= Abuso físico com sequelas severo.